

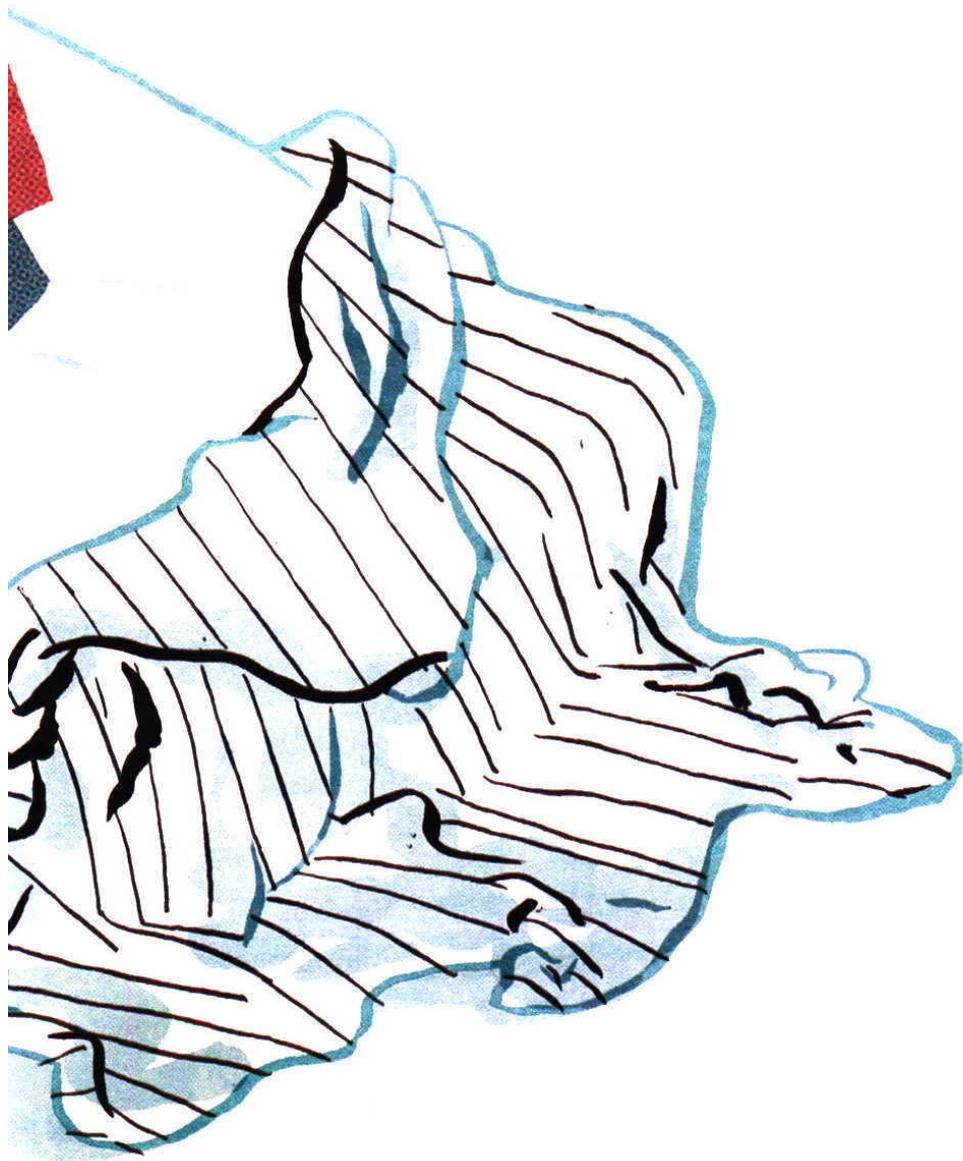
*Diz-me com quem
dormes e eu digo-te
o que escreves?*



É ainda pudica e pouco ousada. Mas dá vontade de começar a perguntar: o que é isso de literatura Lésbica, “Gay”, Bissexual e Transgénero e “Queer” em Portugal? Dá caução? Está a criar moda? Quem escreve - e é homossexual - responde: os autores Eduardo Pitta, Frederico Lourenço ou Pedro Gorsky falam da sua obra. Miguel Vale de Almeida, antropólogo, lembra o seu “outing”. Uma autora, “hetero”, como Rosa Lobato Faria, antecipa ao Ípsilon o seu novo romance.

Narrado por um homossexual.

Texto Isabel Coutinho Ilustração João Fazenda



Numa palestra em Portugal, em 2001, o professor e crítico literário norte-americano Harold Bloom indignou-se contra os que, segundo ele, promovem “obras-primas de esquimós lésbicas”. Numa entrevista ao PÚBLICO foi ao pormenor: “Agora temos obras-primas de lésbicas esquimós. A minha mulher não gosta nada que eu diga isto. É uma coisa que vai chegar aqui. [...] Vão dizer muito bem de poemas terríveis, apenas porque são escritos por lésbicas de Cabo Verde.”

Nessa entrevista, falou de autores esquecidos que estão a ser recuperados como autores “gay”. Contou uma história que lhe acontecera três anos antes, quando deu uma conferência na “muito politicamente correcta” Universidade da Califórnia.

“Estava a dar uma conferência, quando a sala literalmente explodiu. Queriam mesmo linchar-me, só porque eu, finalmente, disse a verdade. Virei-me para eles e disse-lhes: ‘Muitos de vocês, nesta sala, são professores de Literatura, mas não gostam realmente de literatura. Se encomendarem uma mesa a um carpinteiro que por acaso é mexicano-americano, ou marxista, ou homossexual, e ele vos entrega uma mesa com as pernas a cair, vocês devolvem-na e exigem o vosso dinheiro. Mas estão mais do que dispostos a aceitar livros sem pernas. São completamente hipócritas. Há quotas [nos EUA] para mulheres, negros, mexicanos e homossexuais nas faculdades de Direito e Letras, mas não na de Medicina. Sabem porque? Porque se vocês, os politicamente correctos, estiverem numa mesa de operações para ser operados ao cérebro e a médica que vai fazer a cirurgia for uma negra lésbica devastadoramente atraente - tento ser o mais ofensivo possível - que, explicam-vos, se qualificou com base na sua origem étnica e orientação sexual, todos vocês saltam imediatamente dali para fora’. Começou tudo a gritar comigo. ‘Racista! Fascista!’ E eu respondi-lhes, também aos berros: ‘Vocês são um nojo, são degradantes. Não têm qualquer argumento racional para opor ao que eu digo. São uns vigaristas. Todos vocês saltavam da mesa de operações’. Foi uma guerra. Mas haverá alguma ideia socialmente mais repugnante do que pretender que é mais benéfico para uma jovem cabo-verdiana que vem viver para Portugal ler obras dos seus compatriotas, por más que sejam, do que Eça ou Almeida Garrett? Outro dia fui falar de cinco dos meus poetas preferidos: Whitman, Pessoa, Lorca, Hart Crane e o maravilhoso Luis Cernuda. São todos homossexuais, mas que me interessa saber se eles preferem dormir com homens ou com mulheres?”

Seis anos depois, o Ípsilon tenta confirmar a futurologia de Bloom - “é uma coisa que vai chegar aqui”. Há ficção “gay” e lésbica portuguesa? Promovem-se romances sem qualidade só porque são de autores “gay”? O que é isso de literatura LGBT (Lésbicas, “Gays”, Bissexuais e Transgénero) e “Queer”. É preciso ser homossexual para ter uma obra considerada “gay”, lésbica ou “queer”?

Autores como Eduardo Pitta, Frederico Lourenço ou Pedro Gorsky publicaram nos últimos anos contos, romances, escrita autobiográfica e ensaio que se incluem na definição de “literatura gay”. Surgiram nas livrarias estantes dedicadas ao género, tendo sido criada uma editora, a Bico de Pena, destinada à lite-

Em Portugal, a literatura “gay” é “pudica e pouco ousada. A ousadia está só no tema homossexual, não está em termos formais. Se quisermos comparar, o livro de António Lobo Antunes ‘Que Farei Quando Tudo Arde?’ formalmente vai mais longe do que qualquer um dos outros autores”, António Fernando Cascais

DANIEL BOCHA



Michael Vassallo
 “Parece haver sempre medo e suspeita quando se trata de ‘coisas de mulheres’ ou de homossexualidade”
Sociólogo



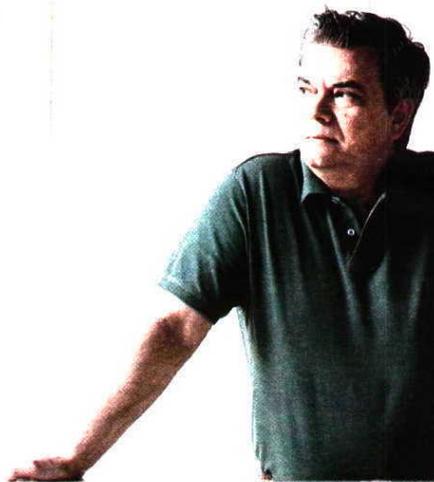
Ylva de Pitá
 “A minha condição homossexual era um dado adquirido desde a puberdade. A novidade está em que o livro [Cidade Proibida] tem uma linguagem muito crua, diferente de tudo o que antes tinha escrito em poesia”
Crítico e escritor

Roberto Leal
 “Há que lutar para que o rótulo não erga barreiras entre as pessoas que impeçam a divulgação das obras em círculos mais alargados”
Escritor



Álida Pereira
 “Este livro [A Alma Trocada] não é diferente de nenhum outro. Por acaso a personagem é homossexual”
Escritora

ENRIQUE VIVAS PINTO





SERGIO AZEVEDA

Ana Cristina Santos

“Porque as sociedades precisam de modelos, é desejável que mais pessoas sintam confiança e espaço para assumir os seus afectos e sexualidades”

Socióloga

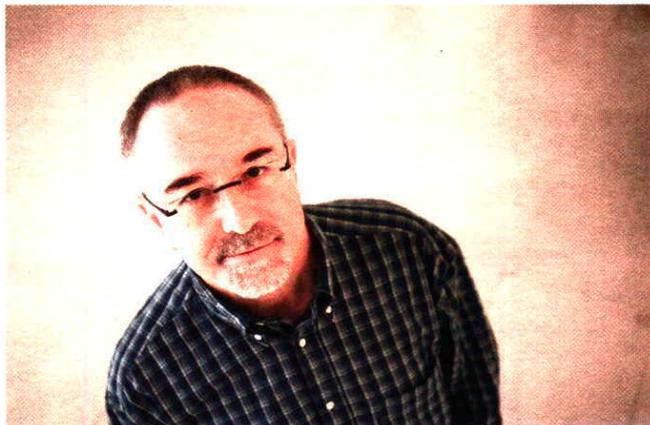


PEDRO GUNHA

Frederico Lourenço

“Falei de mim como adolescente homossexual em ‘Amar não Acaba’ de uma maneira que me parece corajosa”

Escritor



ENRIQUE VIVES RUBIO

António Fernando Cascais

“Já me foi dito explicitamente que para aceitar uma obra literária ou um ensaio que trate da temática homossexual em Portugal é muito conveniente que o autor se tenha distinguido por outras coisas”

Professor

ratura LGBT. E não estamos a falar de “nichos”. O “mainstream” não passa ao lado: em Setembro, a escritora Rosa Lobato Faria vai publicar “A Alma Trocada” (ASA), romance em que o narrador é um homossexual que “sai do armário”.

A criação da Bico de Pena (em 2005), que dedica uma colecção em exclusivo aos títulos LGBT, a Pena de Pavão, parece ser a ponta de um “iceberg” de mudança. Mas, na verdade, em todo o catálogo só foi editado um livro de contos de um autor português: “As Lágrimas de Bibi Zanussi e Outros Contos”, de Pedro Gorski (pseudónimo de um pintor).

Quando a editora foi lançada, o objectivo era, por um lado, “explorar um nicho de mercado com uma oferta relativamente escassa”; por outro, havia o desejo de ver publicados autores de destaque desconhecidos em Portugal.

“É certo que Edmund White, Gore Vidal, Allan Hollinghurst e Sarah Waters eram já publicados no nosso país. Mas foi com prazer que apresentámos Augusten Burroughs, Terenci Moix, Rita Mae Brown e Dennis Cooper”, diz Joana M. Neves, assistente editorial da Bico de Pena.

As vendas “têm sido positivas, embora lentas”. Não se esperava um “boom”. Apostou-se nos “long-sellers”. Inesperada, já agora, foi a reacção “conservadora” de alguns livreiros ao design das capas. “A capa do livro ‘As Lágrimas de Bibi Zanussi e Outros Contos’, uma foto de um negro com uma flor entre nádegas, chocou alguns livreiros, que se recusaram a ter ‘livros desses’ em exposição. Mas devemos também salientar que diversos livreiros declararam que já fazia falta dar esta visibilidade à literatura LGBT.”

Curiosamente, diz Joana, tem havido comentários de agentes, editores e até de críticos acerca da própria “categoria” de literatura gay. “O que nos leva, perguntam-nos, a publicar um livro na colecção de literatura ‘gay’? Para quê esta ‘classificação’?”

É uma discussão ampla, que não se aplica só à literatura. “A nossa postura tem sido a de que as categorias valem o que valem, mas tendo em conta o quanto o nosso mercado é ‘inundado’ de novidades, os livros têm de se destacar. Atribuir-lhes categorias é uma forma - simplista, mas eficaz - de lhes dar destaque.

“O que nos leva a publicar um livro na colecção Pena de Pavão é um critério igualmente simplista, se se quiser: ter qualidade literária e como temática uma relação homossexual (aquilo que evitamos a qualquer custo é tudo o que seja mal escrito ou minimamente panfletário)”

“Coming out”

Além do romance autobiográfico “A Sombra dos Dias” (romance de memórias africanas e homossexuais que saiu na Bertrand, 1981), Guilherme de Melo foi dos primeiros a publicar ficção “gay” em Portugal. O antropólogo Miguel Vale de Almeida publicou o livro de contos “Quebrar em Caso de Emergência”, em 1996.

“Foi fácil, porque se tratou quase de edição de autor, numa editora marginal e de pessoas próximas! E foi difícil - pelas mesmas razões...”

“Com tão pouca literatura a reflectir sobre a diversidade das mulheres em Portugal, não admira que não exista literatura lésbica.”
Anabela Rocha

recorda, lembrando a sua “Euro-novela” (Prémio Caminho de Ficção Científica 1997) tem como personagens centrais dois homens, um casal. “De qualquer modo publiquei ‘Quebrar em Caso de Emergência’ quando já tinha feito o meu ‘coming out’ numa crónica da minha coluna de então no jornal PÚBLICO.”

Outros autores também afirmaram publicamente a sua homossexualidade. O poeta Eduardo Pitta publicou, em 2000, o livro de contos “Persona” e recentemente o primeiro romance, “Cidade Proibida” (Quidnovi). No caso destes dois livros, acha que a temática excede a questão identitária. “Persona” é uma “educação sentimental”, a história de um rapaz que em diferentes fases da sua vida se confronta com conflitos de autoridade. É um “sair do armário”?

“Não. A minha condição homossexual era um dado adquirido desde a puberdade, mesmo para a família. A novidade está em que o livro tem uma linguagem muito crua, diferente de tudo o que antes tinha escrito em poesia. Do ponto de vista literário, foi importante para mim e abriu caminho ao que veio a seguir.”

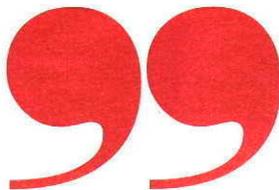
Foi o professor Américo António Lindeza Diogo, da Universidade do Minho, que leu um dos contos de Pitta, o publicou na revista online “Ciberkiosk” e o convidou a escrever outros. “Foi um desafio mais literário do que pessoal.” O livro acabou por ser publicado pela Angelus Novus, editora universitária.

Três anos depois saiu “Fractura - A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea” (Angelus Novus”, 2003). Esgotou em pouco tempo. As reacções da crítica foram “bastante boas, tirando as reticências que [o crítico do “Expresso”] António Guerreiro levantou, quando disse que o livro estava mais preocupado com o aspecto biográfico das pessoas do que com a sua obra. Dos visados ninguém se sentiu incomodado. Procurei tratar o tema e os autores de uma forma isenta, fazendo incidir as apreciações apenas sobre aspectos literários”, explica Pitta.

“Não houve ninguém que me viesse dizer ‘eu não estava interessado em que se soubesse’; pelo contrário, o tipo de comentários que me chegou é que me tinha esquecido de A e de B e de C ou D. Ao que eu ia respondendo que só me interessava falar de autores imediatamente reconhecíveis. A única excepção que abro é com Álvaro Oliveira, mas não podia fugir ao livro dele sobre a guerra na Guiné [“Até Hoje (memórias de cão)”, 1986], que é muito bom. Frederico Lourenço só tinha um livro publicado na altura [“Pode um Desejo Imenso”], mas já tinha sido muito falado. E houve um autor que me escreveu a dizer que eu tinha falado pouco sobre ele. Não houve incómodos.”

Muito recentemente, Pitta publicou o primeiro romance, “Cidade Proibida”, “uma obra sobre relações de poder”. E acrescenta: “O facto dos protagonistas serem homossexuais acentua a relação de forças, mas se fosse um casal ‘hetero’ não era preciso mudar uma vírgula”.

Frederico Lourenço, publicado pela Livros Cotovia, é autor da trilogia “Pode um Desejo Imenso” (Prémio PEN Clube 2002), “O Curso das Estrelas” e “À Beira do Mundo” e ainda de obras autobiográficas como “Amar não Acaba” (2004) e “A Máquina do Arcaño” (2006), e a colectânea “A Formosa Pintura do Mundo” →



← (2005). Professor universitário e tradutor de clássicos gregos, declinou o pedido do Ípsilon para uma conversa. Mas enviou um depoimento onde se afirma retirado da literatura.

“Acho que, como ‘ficcionista’, já escrevi o que tinha a escrever. E não me parece bem chover no molhado e voltar a repisar temas semelhantes aos que já abordei. Os livros que já escrevi chegam. (O ensaísta Frederico Lourenço, claro, ainda tem muito para contribuir, nomeadamente sobre Camões). Falei de mim como adolescente homossexual em ‘Amar não Acaba’ de uma maneira que me parece corajosa (as pessoas terão percebido o que está em causa nesse livro...?). Falei do maior amor da minha vida, por um homem dez anos mais velho, em ‘A Máquina do Arcaño’; acho que nunca se tinha escrito assim sobre o amor ‘gay’ em português. Aliás, este último livro, o meu preferido e talvez o mais incompreendido dos meus livros, diz, no fundo, tudo o que sinto acerca da homossexualidade e do meu papel (ex-papel...) como escritor homossexual. Quanto à trilogia ‘Pode um Desejo Imenso’, não vejo aí a temática ‘gay’ como essencial. É uma construção, uma interpretação ficcional da poesia camonianiana. E uma proposta de romance diferente do que até aí se escrevia em Portugal. É isso.”

Se o “coming out” de autores é importante para que possam dar mais um contributo para a desconstrução de preconceitos, diz a socióloga Ana Cristina Santos, que estuda o movimento LGBT português desde 1998, não lhe parece justo exigir que as figuras públicas portuguesas homossexuais - com responsabilidades artísticas, políticas, científicas - partilhem a sua orientação sexual com a sociedade.

“Considero que tais figuras, desde que rejeitem reproduzir preconceitos e procurem promover alguma educação sexual junto dos seus públicos, já estão a dar um contributo para a mudança. Ainda assim, porque as sociedades precisam de modelos, é desejável que mais pessoas sintam confiança e espaço para assumir os seus afectos e sexualidades, de forma descomplexada”, acrescenta, por “e-mail”, esta investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e doutoranda em Estudos de Género pela Universidade de Leeds, Reino Unido.

“A importância de um autor não se mede pela sua opção sexual”, diz Eduardo Pitta, autor também de “Metal Fundente” (Quasi, 2004), obra que colige vários ensaios dedicados a autores homossexuais. “Mas os homossexuais não têm de ter vergonha da sua condição, porque isso não faz deles melhores ou piores do que os outros. Proust e Thomas Mann são grandes autores em qualquer circunstância. O mesmo se diga de Gore Vidal ou Edmund White, cujo grau de exposição é maior. O facto de haver hoje vários departamentos de estudos ‘queer’ torna a questão mais visível. A possibilidade de as pessoas ficarem num gueto é real, mas só em relação a autores de segunda linha. Não passa pela cabeça de ninguém pôr Gore Vidal ou Edmund White ou David Leavitt apenas nessa prateleira, porque eles são bons autores para lá dessa dimensão”.

Para Miguel Vale de Almeida, “tanto os autores como os analistas →



Os pioneiros da literatura “queer” em Portugal

Uma obra pode ser reivindicada como património da literatura “gay” mesmo contra a vontade do autor. Eis os pioneiros em Portugal. Isabel Coutinho

“Bom-Crioulo” é um romance de culto. Foi publicado em 1895 e é considerado “o primeiro romance de temática explicitamente homossexual publicado no mundo”, explica Eduardo Pitta. O seu autor, o brasileiro Adolfo Caminha, foi oficial de carreira e a obra provocou tumulto na Marinha quando foi publicada, por “descrever sem peias a relação amorosa entre um grumete louro, Aleixo, e um marinheiro negro, Amaro (Bom-Crioulo)”.

Quatro anos antes, em 1891, foi editado em Portugal “O Barão de Lavos” de Abel Botelho, mas esse nosso livro “é basicamente sobre pederastia”, acrescenta Pitta. Faz parte de uma série a que Botelho deu o nome de Patologia Social, pois o autor pretendia criticar os vícios da sociedade portuguesa da altura.

Em “Fractura - A condição homossexual na literatura portuguesa contemporânea”, Pitta afirma que, “para todos os efeitos, o cânone contemporâneo português e homossexual arranca com ‘A Confissão de Lúcio’, narrativa enviesada de Mário de Sá-Carneiro que em 1914 não pôde ser lida como devia”.

Famosos são os versos “Eu queria ser mulher para ter muitos amantes / E enganá-los a todos - mesmo ao predilecto - / Como eu gostava de enganar o meu amante loiro, o mais esbelto, / Com um rapaz gordo e feio, de modos extravagantes...” de Mário de Sá-Carneiro (cf. o poema “Feminina”, de 1916). Aliás, “antes de haver termos como ‘gay’, lésbica e ‘queer’, os grandes autores eram ‘salvos’ da homossexualidade através de categorias literárias eufemísticas como decadentismo, malditismo, esteticismo. Já se sabia o que aquilo queria dizer”, lembra António Fernando Cascais. Há pouco tempo passou-lhe pelas mãos uma biografia sobre António Nobre que lê a vida do poeta a partir de Oscar Wilde, sem nunca mencionar a palavra homossexualidade. “Fala em ‘decadência’ e compara os ‘estetas’ que eram Wilde e Nobre”, conta o professor universitário. “Na poesia portuguesa temos o caso claro de António Botto e de Judith Teixeira. E há autores do século XIX que estão agora a ser redescobertos e que até eram explícitos, nomeadamente mulheres. Na altura tinham alguma repercussão pública, mas depois as notícias foram



Vitorino Nemésio



Jorge de Sena

se numa conferência pública intitulada “De mim”.

Mais tarde, aparecem na ficção portuguesa personagens como o Tio Ângelo de “Mau Tempo no Canal” (1944) de Vitorino Nemésio, ou o Rufininho e o Rodrigues, ambos de “Sinais de Fogo” (1979), romance póstumo

de Jorge de Sena. Ou ainda os

cadetes do navio-escola Sagres que aparecem no conto “A Grã-Canária”, de Sena, que tem diálogos como este: “Na rua, quando compúnhamos as nossas fardas, eu disse: ‘Filho da puta!’ E o meu camarada, que não era o mais velho, acrescentou: ‘E paneleiro. Faz-se muito homem, mas não perde ocasião de se roçar, no chuvaireiro.’ E o mais velho, quando já íamos pela rua adiante, disse: ‘Uma vez, ouvi-o declarar que não havia melhor do que ir a uma mulher por um lado, enquanto outro marmanjo ia pelo outro, e sentir lá dentro os dois paus a esgrimir. Onde ele gosta de esgrima, sei eu.”

“O Nemésio fez a caricatura do maricas, com o tio Ângelo de ‘Mau Tempo no Canal’. Caricatura ou não caricatura, não há dúvida que ele criou uma personagem e a compôs muito bem”, nota Pitta. “O Sena vai mais longe, o livro dele é mais ambicioso. Escrevendo de um ponto de vista heterossexual, gere bem as duas personagens homossexuais do livro e as tensões homoeróticas que perpassam entre os outros rapazes do grupo que não se consideram homossexuais. É o exemplo de um autor heterossexual que escreveu muito bem sobre a condição homossexual”, afirma.

Uma obra pode ser reivindicada como património da literatura “gay” mesmo contra a vontade do autor. “Podemos incluir autores como Jorge de Sena, José Régio [por causa de Lelito, personagem de ‘A Velha Casa’] e Vitorino Nemésio numa literatura ‘queer’ sem que isso tenha nada a ver com a orientação sexual do autor”, diz Cascais. “São personagens ‘gays’ tanto quanto podiam ser representados nas épocas em que as obras foram escritas. E nesse aspecto, quer os autores queiram ou não, podem ser reivindicados por uma crítica ‘queer’ como património cultural. Seria um erro tão grande dizer que a literatura ‘gay’ tem que ser escrita por homossexuais como dizer que as obras do romantismo tinham que ser escritas por autores profundamente românticos na sua vida pessoal”, conclui.

António Fernando Cascais: “Podemos incluir Sena, Régio e Nemésio numa literatura ‘queer’ sem que isso tenha a ver com a orientação sexual do autor”



← como o mercado podem definir géneros; e estes não impedem uma apreciação da qualidade literária dos textos. Parece haver sempre medo e suspeita quando se trata de 'coisas de mulheres' ou de homossexualidade. Nunca ouvi alguém queixar-se do género 'romance histórico' ou 'realismo fantástico'..."

Pedro Gorsky, o autor "As Lágrimas de Bibi Zanussi...", optou por usar um pseudónimo quando publicou o livro porque "oferecia a falsa segurança de separar por algum tempo esta aventura" da sua "actividade profissional já decorrente". Enviou o manuscrito para dez editoras, não só para aquelas que já haviam divulgado obras "gay". "A minha ingenuidade começou a ser evidente à medida que os meses passavam sem resposta. Até que uma amiga me telefonou de Atenas, em inspiração sibilina, indicando-me a direcção correcta. Foi, assim, o manuscrito parar ao grupo editorial em que acabara de nascer a Bico de Pena, onde o género literário em que me inscrevia era uma aposta forte, junto de outros temas de sublinhada irreverência."

António Fernando Cascais, professor do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, organizou e fez a introdução e tradução de ensaios de "Indisciplinar a Teoria: Estudos Gays, Lésbicos e Queer" (2004, Fenda Edições), a primeira colectânea universitária a abordar o tema em Portugal. "Este livro nasceu a partir de um curso livre que organizei em 2001 na Universidade Nova. Grande parte dos autores tinham dado conferências nesse curso e avançámos para a publicação." O livro está divulgado no meio sociológico, mas a edição, pequena, não esgotou. "A repercussão mediática foi nula, o que não deixou de me espantar. Em jornais onde há crítica de livros da melhor qualidade dizem que faz falta produção nacional nesta área: quando aparece o livro, nada. Tem vindo a acontecer agora, quando é necessário falar sobre o assunto. Aí percebo que está referenciado."

Em anos recentes, assiste-se a um aumento do interesse em questões relacionadas com a diversidade sexual, afirma a investigadora Ana Cristina Santos. E na sua opinião esse aumento é notório, por exemplo, no crescente contacto entre associações LGBT e estudantes, com resultados directos em mais trabalhos académicos sobre questões de orientação sexual e identidade de género. E já se encontra alguma produção nacional sobre a temática, seja científica ou de ficção: há cada vez mais produção e mais mercado. A autora de "A Lei do Desejo: Direitos Humanos e Minorias Sexuais em Portugal" (Afrontamento) considera que "faz todo o sentido investir em secções temáticas nas livrarias portuguesas, até porque essa ausência é uma das diferenças mais flagrantes quando se comparam com outras em países onde a discriminação com base na orientação sexual ou identidade de género é menos evidente".

Pudica e pouco ousada

Não parece haver dúvidas de que desde a publicação das obras de Frederico Lourenço, que chegaram aos "tops" nacionais, nada será como antes. "Está a ajudar a legitimar, no bom sentido da palavra, a homossexualidade. Além da qualidade literária, o seu trabalho vai ter esse papel crucial na literatura e no Portugal dos



Eduardo Pitta:

"A possibilidade de as pessoas ficarem num gueto é real, mas só se coloca em relação a autores de segunda linha. Não passa pela cabeça de ninguém pôr Gore Vidal ou Edmund White ou David Leavitt apenas nessa prateleira, porque eles são bons autores para lá dessa dimensão"

inícios do século XXI", assegura Miguel Vale de Almeida.

O caso de Frederico Lourenço é especial, contrapõe António Fernando Cascais. "Antes de publicar a sua obra de ficção, era reconhecido em termos académicos e em termos públicos tinha-se notabilizado pela tradução dos clássicos".

Por seu lado, Pitta diz que "os livros do Frederico Lourenço são 'amáveis', no sentido em que se isentam de qualquer perturbação. Não é a mesma coisa que ler Genet ou Renaud Camus, para dar exemplos extremos, nem sequer o mesmo que ler David Leavitt ou Caio Fernando Abreu..."

Em Portugal, a literatura, se quisermos chamar-lhe "gay" ou pelo menos onde a temática homossexual surge, é "pudica e pouco ousada. A ousadia está só no tema homossexual, não está em termos formais. Se quisermos comparar, o livro de António Lobo Antunes 'Que Farei Quando Tudo Arde?', onde uma das personagens é um travesti, formalmente vai mais longe, incomparavelmente mais longe, do que qualquer um dos outros autores", afirma António Fernando Cascais. Para este professor universitário, também a obra de ficção de temática homossexual de Eduardo Pitta "não se mede" com a sua obra enquanto poeta. Tal como a obra de ficção de Frederico Lourenço "não

se mede - não é só pela diferença de géneros - com a sua obra como tradutor".

"Já me foi dito que para fazer aceitar uma obra literária ou um ensaio que trate da temática homossexual em Portugal é muito conveniente que o autor se tenha distinguido por outras coisas, que não seja reduzido àquilo. É alguém que até faz isso, mas que não é isso, tem outra identidade", acrescenta.

Literatura lésbica, onde estás?

Nem ousada, nem pudica: a ficção lésbica feita por autoras portuguesas e publicada em editoras com visibilidade, essa é que parece não existir. Há livros que têm personagens homossexuais e lésbicas, como "Os Sinais do Medo", o primeiro romance de Ana Zanatti (2003, Dom Quixote) - o segundo, "Agradece o Beijo" (2005), tem personagens transexuais. Publicadas em editoras com menor visibilidade existem "Alice e o Abismo", de Leonor Campos (Novo Livro, 2002) e "Descobre-me", de Sandra Soares (Occidentalis, 2006). E ainda romances de Marta Tasmânia em edições de autor. Mas parece tudo diluído na nuvem da "literatura feminina" e da teia dos afectos.

"A escrita de autoras assumidamente lésbicas não existe em Portugal ou existe com qualidade muito

pobre", diz a activista "queer" Anabela Rocha. "A escrita de práticas assumidamente lésbicas por autoras mulheres vai existindo, mas em escritas também sem qualidade literária e que repetem narrativas identitárias ainda presas ao medo de ser homossexual."

Acrescenta: "Na poesia portuguesa temos maior maturidade no erotismo lésbico e maior consciência feminista. Com tão poucas autoras a assumirem uma literatura feminista, pós-colonial; com tão pouca literatura feita por mulheres a reflectir sobre a diversidade da vida das mulheres em Portugal, não admira que não exista literatura lésbica."

Como é que pode haver? "Não necessariamente apostando apenas no grande romance, mas apostando no romance popular, como muitas colecções em França e Espanha. Aquilo a que podemos chamar uma literatura urbana de modelos de vida segura, tranquila e feliz. Não é um retrato real de todas as vidas lésbicas; mas é uma esperança e uma boa leitura de praia", conclui.

Em Setembro, uma mulher, Rosa Lobato Faria, 75 anos, publicará nas edições ASA "A Alma Trocada". Tem como personagem principal Teófilo, um homossexual. "Este livro não é diferente de nenhum outro; por acaso, a personagem é homossexual".

Teófilo apareceu-lhe e ela deixou-o falar, tal como as outras personagens dos seus livros. "Teófilo é uma personagem como outra qualquer". Agradou-lhe a ideia de um homossexual contar a sua história e sair do armário. Abordou o tema do ponto de vista social, não gosta de sociedades preconceituosas.

Não teve nenhuma intenção prévia. "Nunca me passaria pela cabeça escrever um livro para o inserir num género". Diz que nem é de ir em modas. Mas a verdade é que desde que se soube que escreveu sobre um homossexual a solicitação dos "media" não tem parado. "Gostei daquele homem cheio de fragilidades porque não o deixaram crescer como ele devia ter crescido. É um homem que me é simpático." Para escrever este livro não fez pesquisa porque a personagem é seu contemporâneo. Considera que o tema principal do romance é a "ideia da escolha das famílias do coração, em contraponto com as famílias de sangue".

"Se isto puder ajudar alguém, já valeu a pena escrever o livro. Ajudar alguém a ser feliz na sua plenitude sexual. Mas não o fiz com essa intenção", diz.

Ali Smith, a autora escocesa de "A Acidental", romance premiado com o Whitbread Novel Award e publicado pela Bico de Pena, quando passou por Lisboa em 2006 disse ao Ipsilon que quando se trata de livros é importante não metê-los em guetos. Assumidamente lésbica, falava de categorizar livros em "gay e lésbicos", de "auto-ajuda", "thrillers". Sabe a importância de ser escocesa, homossexual, ex-católica. Mas lembrava: "Eu não sou o meu livro, nunca serei o meu livro ou mesmo um livro. Sou uma pessoa e os livros têm que fazer o seu trabalho. Tem que ser livros e têm que ser donos da história que contam".

Voltamos ao princípio, a Harold Bloom a falar dos seus escritores preferidos: "São todos homossexuais, mas que me interessa saber se eles preferem dormir com homens ou com mulheres?"

Homossexual, “gay” ou “queer”?

Quando as sexualidades que escapam à normatividade heterossexual são remetidas para a marginalidade tentam-se espaços de legitimidade e participação pública por via da literatura.

Homossexual, “gay” ou “queer”, não é a mesma coisa. *Isabel Coutinho*

O que pode contribuir para a classificação de um romance como literatura “gay”? “A temática principal do enredo, se a história se centra em personagens e relações ‘gays’ ou lésbicas. Mas, ainda assim, trata-se apenas de uma classificação estratégica, visando criar espaços de visibilidade e legitimidade num contexto de exclusão”, explica Ana Cristina Santos, investigadora no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e doutoranda em Estudos de Género pela Universidade de Leeds, Reino Unido.

Por muito que a socióloga antipatize, “por princípio, com categorias rígidas”, admite que é fundamental reconhecerem-se campos específicos de intervenção cultural lésbica, “gay”, bissexual ou transgénero. “Em contextos em que as sexualidades que escapam à normatividade heterossexual são remetidas para a invisibilidade e marginalidade (como nos meios ‘mainstream’ portugueses), torna-se necessário reinvestir e consolidar categorias que lutem contra essa invisibilidade.”

Literatura “gay” e literatura homossexual são uma e a mesma coisa? Eduardo Pitta considera que não. Essa é uma das reflexões que faz no seu livro “Fractura - A Condição Homossexual na Literatura Portuguesa Contemporânea” (ed. Angelus Novus, 2003). “A literatura homossexual, grosso modo, é feita por homossexuais. Podemos meter nesse saco sem fundo os livros de Marcel Proust, de Thomas Mann, de Jean Genet e, falando em casos portugueses, os livros de Mário Cesariny, Guilherme de Melo e outros.” Na sua opinião, a literatura “gay” distingue-se pela afirmação política. “A literatura ‘gay’ nasce em 1969 por causa dos motins de Stonewall [na noite de 28 de Junho, e durante cinco dias, os frequentadores do bar Stonewall Inn, em Nova Iorque, revoltaram-se contra a polícia que ali fazia rusgas. Esta revolta é considerada o início do movimento Orgulho Gay]. A partir dessa altura há um grande número de autores que começa a fazer ‘proselitismo ‘gay’ e a orientar as suas obras nesse sentido.” Acrescenta: “É o que fazem, entre outros, Andrew Sullivan, Edmund White e Michael Cunningham.” Um autor ‘gay’ é “aquele que

afirma a sua condição”, um autor homossexual é “aquele que podendo ou não descrever melhor ou pior a sua identidade sexual não faz disso uma bandeira”. Se, para Pitta, a qualidade de “gay” é dada pela inscrição política, “essa inscrição só se consegue se a pessoa antes de ser um autor ‘gay’ for reconhecidamente um autor homossexual e alguém que publicamente se assuma como tal”.

Na opinião de Miguel Vale de Almeida será literatura “gay” “porque se dirige a um sensibilidade identitária (pessoal ou colectiva) ‘gay’”.

Teoricamente, responde o antropólogo por “e-mail”, o autor não precisa de ser “gay”. “Há é o ‘valor acrescentado’ - de reconhecimento, identificação, apreço - do autor que seja publicamente conhecido pelas suas posições sobre sexualidade ou política sexual.”

Ainda se aplica à literatura o termo “queer”. “Em rigor, ‘queer’ refere-se à transcendência das categorias identitárias, entre as quais a ‘gay’. Mas, hoje, cada vez mais se interpenetram na linguagem corrente. De qualquer modo: trata-se da capacidade de dar conta de formas de vida, experiência,

sentimento, corporalidade, etc., que não correspondem à hegemonia sexual e de género”, explica Vale de Almeida.

E em relação a “queer”, diz Eduardo Pitta, é preciso distinguir dois tempos. “Nos anos 1920, o termo ‘queer’ designava pejorativamente os homossexuais. Para as pessoas comuns, ainda hoje é sinónimo de ‘bicha’. Nos anos 1990, um movimento de sinal contrário, utilizando a ‘frenta’ como sinal de orgulho, fez com que passasse a designar os comportamentos e a cultura ‘gay’, em sentido amplo. Deixou de ser um conceito fechado. Os

departamentos universitários que se ocupam destes assuntos são departamentos de ‘queer studies’, o que lhes permite maior raio de acção.”

“Uma literatura ser ‘gay’ ou ‘queer’ é uma função. É a função de um determinado texto, que obedece a uma estratégia textual independente da identidade sexual ou do género do autor”, conclui o professor universitário António Fernando Cascais, organizador da colectânea de ensaios “Indisciplinar a Teoria, Estudos Gays, Lésbicos e Queer”.

Miguel Vale de Almeida: é literatura “gay” “se se dirige a uma sensibilidade identitária (pessoal ou colectiva) ‘gay’”. O autor não precisa de ser “gay”

A ficção gay portuguesa

sai do armário

